

Quando em manhãs de Maio, o sol brilhando
Beija os fofos tapetes de relvado,
Tenho o desejo louco e embriagado
De me deitar nas ervas, rebolando.

E no macio verde, morno e brando,
Aqui e além mordido e amarelado,
Ficar de bruços, rosto mergulhado
Nos afagos que a brisa vai soprando...

A relva se abre em sulcos e se dobra
Como o dorso ondulante duma cobra,
Como as ondas tranqüilas das correntes,

E eu sinto-lhe a volúpia verde escura
Quando chela de raiva e de ternura
A prendo na carícia dos meus dentes!

V E R S O S D E L Y G I A

considero-as tão dignas de aprêço como, por exemplo, o citado estudo sobre Pousão. Mas lá está: nelas, V. Ex.^a afasta-se de qualquer dogmatismo estreito, condena-os até. Encontro, por sinal, numa delas, condenada a atitude por V. Ex.^a agora assumida: «... esta luta e esta oposição (entre o espírito metafísico e o espírito científico), di-lo a história, é a própria condição genética da marcha geral do pensamento filosófico, e esta oposição mantém-se hoje, como se manterá sempre, a não ser que qualquer circunstância imprevista se apresente». Modificou-se o pensamento de V. Ex.^a, ou o calor da propaganda fê-lo traír uma ideia que ainda tenha como verdadeira? Nos recentes artigos de V. Ex.^a, principalmente naqueles onde expõe o Neo-Positivismo, nota-se um desagradável tom polémico e um simplismo na negação, uma ingenuidade na liquidação dos mais complexos problemas, que não ousa atribuir aos pais da doutrina. V. Ex.^a confunde a afirmação com a prova. Assim, ainda não mostrou um único exemplo do processo pelo qual se averigua que a metafísica é «destituída de sentido». Como se explica que para exemplificar formas de pensamento (o «psicológico», entre outros) dê exemplos que... não são pensamento?! Etc. Dirá nesta altura V. Ex.^a: mas então está agora a atacar o Neo-Positivismo! Mais devagar: não posso acreditar que os Carnap, os Schlick, etc., não tenham razões sérias para nos convencer. Mas como julgar, se os folhetos que o sr. dr. cita—e não conheço coisa melhor, não lendo o alemão—são simples exposições dos resultados? É impossível, evidentemente, que os trabalhos da Escola de Viena se reduzam aos folhetos das *Actualités Scientifiques et Industrielles*!

Mas voltemos à última carta de V. Ex.^a Tenho a impressão

—antes a não tivesse!—de que agarrou pelos cabelos a ocasião para expor mais uma vez o Neo-Positivismo. Como não o julgar, se V. Ex.^a, para esclarecer que a sua intenção não é «uma simples divulgação de quaisquer ciências», descobre este inaudito processo: expor o Neo-Positivismo?! Que é que aquilo esclarecia? Considera V. Ex.^a delicado esse processo—a modos de apanhar uma pessoa no vão duma janela e contar-lhe a nossa vida desde criança? Enfim, V. Ex.^a acha com certeza tais processos naturais e legítimos. Eu não. Maneiras diferentes de ver as coisas.

Deixei para o fim o que diz respeito a Leonardo Coimbra. Declidamente, V. Ex.^a compraz-se em jogar às escondidas. Peço-lhe que LEIA o que vou escrever: parece que V. Ex.^a se sente agrado por Leonardo Coimbra. Mas nem eu, nem ninguém, tem nada com isso, na medida em que se discute a sua obra, e o seu valor como filósofo, orador, professor, etc. Quere-me parecer que as ofensas que determinada pessoa me possa ter feito não entram em linha de conta para abatear o valor da obra, a inteligência, a cultura, as ideias dessa pessoa. Diz-me que «não tem ódio ao falecido dr. Leonardo Coimbra». Chame-lhe outra coisa se quiser—mas não queira fazer de mim cego querendo-me convencer de que, por exemplo, o artigo que sobre ele publicou no n.º 80 da revista *Pensamento* era um trabalho de crítica imparcial.

Prefere que eu diga que lhe tem má vontade? Pronto! Talvez V. Ex.^a vá por vezes mais longe do que era sua intenção? Mas nós, leitores, temos de julgar pelo que lemos, não podemos adivinhar que a intenção que tinha ao escrever o referido artigo, por exemplo, não era a de insultar com os termos mais violentos e agressivos quem acabara de morrer. Ainda nesta sua última

carta eu leio que Leonardo Coimbra era «de uma falta de seriedade intelectual e moral completa». Mediu bem o alcance destas palavras? Reparou no que elas querem dizer? Ouso esperar que não. Ser-me-ia doloroso ter de considerar o sr. dr. Abel Salazar autor consciente de tal frase, como do artigo do *Pensamento*. Ai tem exemplificados, neste artigo, vários dos defeitos que não se cansa de censurar; porque não começa por combatê-los em si próprio?

E com isto dou como concluída, pela minha parte, esta troca de comentários e de cartas a que V. Ex.^a, imprópriamente, chamou polémica. Ficarei por aqui—e menos que sejam mais uma vez deturpadas as minhas palavras.

E, creia-me, sr. dr. Abel Salazar: lamento todas as possíveis e prováveis más interpretações que a seu favor, ou em meu, bem e mal intencionados se lembrem de dar a esta troca de pontos de vista, exagerando-os ou deformando-os. A V. Ex.^a tenho a pedir que me leia com atenção, e não queira procurar segundos sentidos onde os não há—porque sou assim feito que escrevo o que penso e sinto tal como o penso e sinto, sem alardes hipócritas de admiração nem polémicas amplificações das discordâncias.

Creia-me, pois, seu admirador quando o devo ser, e adversário quando me parece necessário.

10 de Maio de 1937.

Adolfo Casais Monteiro.

P. S.—Por razões várias esta carta só foi enviada para a redacção de «Sol Nascente» depois de publicada a 3.ª carta de V. Ex.^a. Parece-me oportuno lembrar a V. Ex.^a que essa 3.ª carta só confirma o que acima afirmei sobre o nada que tenho com o que nela escreve. Carta porquê, e dirigida a mim porquê?!

18 de Maio.

A. C. M.